

# MENINAS, MULHERES e FEMININO: a educação e os modelos civilizados na infância

*GIRLS, WOMEN AND FEMININE: education and civilized models in childhood*

---

**Magda Sarat**

Universidade Federal da Grande Dourados  
(UFGD)

E-mail: magdasaratufgd@hotmail.com

*(...) As meninas estudaram menos, sabiam contas, assinar o nome e mal ler. Era mais o fogão! O que a mulher fazia era lavar roupa, cozinhar e limpar!*

*(Memórias de mulheres na infância)*

A história da infância e da educação das mulheres, determinam relações sociais específicas entre os indivíduos e seus grupos, pautadas por experiências de formação que revelam as concepções de cada sociedade, pois todos os seres humanos trazem consigo ao longo da vida, pelo modo como se constituem individual e coletivamente, as marcas da educação recebida na infância a partir de experiências e histórias na formação.

Aprendi com Elias que tais experiências estão intrínsecas a própria constituição do indivíduo pois, ao longo da vida estas marcas da educação ainda na infância reverberam “como os astrônomos descobriram que todo o universo repercute ruídos consecutivos ao Big Bang inicial, assim os homens trazem em si, no que diz respeito às suas vidas, uma intuição cuja origem remonta aos primeiros momentos passados com sua família” (Elias, 2001, p. 22). Dito assim, a figuração familiar é fundamental na educação das mulheres e da sua preparação para a vida adulta.

Tomando como ponto de partida a epígrafe acima, apontamos memórias de infância na vida de mulheres criadas em espaços rurais entre os anos de

1930 e 1950, que ao contar sobre sua educação resumem as aprendizagens recebidas orbitando no contexto privado e pautando o trabalho doméstico como ensinamentos importantes em perspectiva geracional, ou seja, passando de uma para outra, entre as mulheres de mães para filhas.

Embora compreendo que percepções de gênero se alteram dependendo de aspectos como: história, classe social, cultura, geração, etnia entre outros, neste momento busco enfatizar uma história das mulheres e da educação na infância, investigando as concepções acerca dos lugares sociais permitido e frequentado por elas. Abordarei os modos e os comportamentos específicos previstos na formação feminina, considerando a presença, a circulação e a atuação prioritária das mulheres nas figurações familiares e escolares, apontando que tal formação se direcionava para o espaço doméstico.

Empiricamente, trabalhei com fontes e documentos produzidos a partir da história oral, e seus procedimentos metodológicos específicos, compondo uma documentação fundada em memórias de mulheres que viveram a infância em meados do século XX, entre as décadas de (1920-1950)<sup>1</sup>. A ênfase deste artigo recai na análise das normas, comportamentos e prescrições que regularam e constituíram os instrumentos de controle e autocontrole da educação das meninas, especialmente na infância, momento no qual os adultos são os responsáveis pela continuidade geracional. A partir das concepções geracionais e de poder recorrentes nas histórias e memórias destas mulheres, é possível revelar algumas perspectivas de mudanças históricas no processo civilizatório.

Neste contexto, espero não incorrer em generalizações, ao propor que houve modelos de comportamento para todas as mulheres, fossem elas de meios rurais ou urbanos em diferentes sociedades, mas propor a partir das nossas investigações que há uma recorrência de tais padrões, continuidades e pequenas descontinuidades, - conforme a documentação apresenta-, considerando as abordagens de gênero e geração.

As leituras de Norbert Elias nos ensinam que retroceder historicamente para analisar as relações entre homens e mulheres é fundamental, pois assim

---

<sup>1</sup> Os relatos utilizados fazem parte de uma documentação produzida por pesquisas concluídas, resultando na tese de doutorado intitulada "Histórias de Estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação" (2004) defendida no Programa de pós-graduação da UNIMEP/Piracicaba/SP.

garantimos um certo distanciamento daquilo que nos move e nos inspira no tempo presente, fazendo com que nossa percepção esteja mais distanciada. Em um dos textos ao tratar da abordagem metodologicamente, reforça sua premissa acerca dos documentos empíricos e alerta:

Como material para uma investigação paradigmática, é vantajosa a utilização de um conflito ocorrido em uma outra época. As paixões foram arrefecidas pela distância temporal. A história pode ser construída sem que o narrador seja distraído pelos argumentos convencionais de partidários e oponentes de sua própria época que, independentemente da sua vontade repercutiriam insistentemente em seus ouvidos (Elias 2006, p 70).

Ao fazer tal advertência, Elias tenta colocar a reflexão na direção dos cuidados metodológicos que se fazem necessário ao analisar a partir das nossas concepções do presente. Quando retornamos ao passado o fazemos com uma experiência obviamente envolta em percepções próprias, mas o tempo ajuda a ‘arrefecer as paixões’. Dito isto, a necessidade do distanciamento acadêmico é essencial, ainda que o envolvimento com o tema seja necessário e dê sentido a experiência com a pesquisa empírica, no meu caso, especialmente considerando o tema proposto por uma pesquisadora da história da criança, da infância, da educação e, também, em certa medida, história das mulheres. Destaco que procurarei refletir acerca dos modos como a educação familiar e o processo de escolarização - pelos quais algumas passaram- marcaram suas trajetórias e constituíram formas específicas de um chamado comportamento civilizado, por vezes, imposto e esperado para as meninas na infância, mas também, subvertido e flexibilizado na formação destas pessoas, mulheres que representam o feminino que se inclui tanto na história das mulheres como na educação das entrevistadas desta pesquisa.

## Os Manuais e os Comportamentos Civilizados

Retomando a perspectiva sociológica de Elias e tentando manter o distanciamento necessário, no intuito de não incorrer em generalizações, aponto que os modelos de comportamento feminino sempre estiveram presentes nas sociedades patriarcais. Pois, ser mulher nesses espaços de poder masculino implicava montar estratégias cotidianas para manter sua existência social e dividir o domínio nos distintos lugares.

Ao discutir o processo de “cortenização do guerreiro” os estudos de Elias (1993-1994) não incluem diretamente mulheres e crianças, no entanto nossas leituras permitem dizer que o autor o fez de modo indireto. Embora se saiba que na maioria das sociedades e grupos humanos mulheres e crianças não vão diretamente para a guerra, mas é consenso que sua presença esteve sustentando os bastidores e os contextos privados. As guerras e as disputas travadas entre mulheres, homens e crianças têm como lugar privilegiado o espaço doméstico e o interior da vida familiar em seus processos de organização.

Nos espaços íntimos de domínio dos grupos femininos, mulheres impõem regras e fazem suas batalhas cotidianas, no entanto, também necessitam de conhecimentos e habilidades específicas que serão aprendidas ao longo da vida, começando na infância e preparando-as para este momento, no caso das mulheres desta pesquisa o período seria meados do século XX, e para esta mulher cabia a organização da casa e da família. Portanto, tal momento histórico necessitava de conhecimentos específicos, mas distintos a depender do grupo social ao qual as mulheres pertenciam. Ainda que o comportamento, os modos e a etiqueta social para os espaços públicos tenham tido padrões semelhante nas sociedades ocidentais e colonizadas a partir da Europa, tais padrões foram regulados por atitudes específicas para às mulheres enfatizando os domínios do privado e do lar.

As distinções entre os espaços no estudo de Elias sobre *O Processo Civilizador uma história dos costumes* (1994), podiam se dividir entre à corte/nobreza, os lugares da plebe/povo, e ainda, os espaços intermediários de comerciantes/burgueses/soldados e outros grupos, compondo a origem da burguesia, da sociedade cortesã e dos *gentlemen*. Em cada um destes lugares sociais mulheres e homens necessitavam de aprendizados específicos, pautados em normas, prescrições e modos de comportamentos esperados que não só eram destinados a eles mas definiam estes grupos.

Nas classes mais altas, a gênese do processo de civilidade dos modos e comportamentos foram regulados pelos manuais de civilidade desde o século XI – base empírica da teoria do *Processo Civilizador* – observa-se a presença de inúmeras referências que organizam a vida na corte. No entanto, estas concepções das regras passam para as demais classes sociais, pois: “de forma geral, as sensibilidades e costumes estimados pelos estabelecidos funcionam como modelo para as pessoas de outros grupos sociais que aspiram à respeitabilidade”.

de e à ascensão social (Wouters, 2009, p. 93-94). As boas maneiras tendem a ‘descer os degraus’ e passam a ser ensinados para todas os demais como forma de manutenção dos padrões de conduta no grupo, e também, como sinal de distinção para os que desejavam ascender socialmente.

Assim, aprender as novas maneiras de se comportar em casa ou no espaço público, sempre esteve presente como parte da educação formal e das aprendizagens infantis pois segundo Elias (1994a) as crianças aprendem desde cedo, o que os seus grupos sociais levaram muitos anos para internalizar. Nesse contexto, o aprendizado para as meninas se expressa nos lugares domésticos e privados da casa, e nos espaços públicos da escola. Porém, mesmo na escola a histórica organização dos currículos aponta a distinção entre os conhecimentos ensinados às meninas e meninos, enfatizando que para as meninas tinham um cunho de preparação para a gestão do lar, cuidados com a casa, com educação das crianças, priorizando o lugar do doméstico.

Diante disso, considerar as mulheres relevantes no processo de cortejamento e de civilização dos modos, nos remete a pensar em um processo histórico de longa duração, ao qual elas sempre estiveram sujeitas. As mulheres estiveram sendo educadas para a contenção e a repressão dos próprios sentimentos, possuíam experiências que as credenciavam como grupos sociais que poderiam garantir e organizar a civilidade nas cortes, especialmente dos homens que necessitavam ser ‘pacificados’ enquanto guerreiros medievais deixando seus modos rudes e assumindo um novo padrão de conduta pautado no controle das emoções e na regulação do comportamento social.

Tais argumentos podem ser percebidos nas infinitudes de regras necessárias, que circularam no século XVI e diziam como o homem, o menino deveria se comportar em todos os espaços sociais. Erasmo de Roterdã ao escrever *A civilidade pueril* – leitura obrigatória na formação do menino na época - previa regras de comportamentos na constituição da sociabilidade cortesã. Na obra encontramos normas de etiqueta social desde um simples banquete à mesa, passando pelo quarto de dormir, os cuidados com o corpo, os gestos a serem mantidos em diferentes espaços como nas ruas, na igreja, no trato com as outras pessoas, nos bailes, nas festas, ou seja, um apanhado de prescrições que pretendiam regular o comportamento social de homens e mulheres.

Um de seus fragmentos apontam a importância destas aprendizagens considerando os domínios da casa e do lugar organizado por mulheres, em festas e reuniões sociais. Não somente como espaço privado da casa, os banquetes e jantares nas cortes eram públicos, locais de recepção de diferentes grupos, espaços de sociabilidade, negociações de ascensão e declínio a depender dos modos e da etiqueta. Um dos manuais do período afirma: “à mesa é de regra estar bem-humorado” (Erasmus de Roterdã, p. 139). Ou seja, mesmo que o indivíduo tenha que se conter internamente em nome da norma, não deveria deixar transparecer aos pares as suas emoções.

Ainda temos a concepção do manual a *Civilidade Pueril* ao informar o lugar das mulheres: “Já repugna à natureza que a mulher domine os homens” (Erasmus de Roterdã, p. 68). Destacamos que estas concepções revelam o século XVI e lembrando Elias, só podem ser analisadas a partir dos constructos da sua época, portanto manteremos a distância histórica para compreender o tempo e o contexto específico. Um outro fragmento dos manuais que regulavam a sociabilidade, e permitem perceber a intensa participação das mulheres no processo de cortenização do guerreiro, foi publicado por Giovanni Della Casa, intitulado “Galateo ou dos Costumes” (1558), o autor aponta:

A fim de que aprendas a fazer isso mais facilmente, deves saber que convém temperar e ordenar os teus modos, não segundo o teu arbítrio, mas segundo o prazer daqueles com quem tratas, e a ele dirigi-los. (...) Deves saber que os homens naturalmente apetezem muitas e variadas coisas; pois alguns querem satisfazer a ira, alguns a gula, outros a lascívia, outros a avareza e outros apetites (...) Pois não deves dizer nem fazer aquelas coisas pelas quais se mostraria pouco amar ou pouco prezar aqueles com os quais convivemos. (Della Casa, p. 6 – 15)

Destaco os termos “convém temperar e ordenar os teus modos”, apontados por Della Casa, ou seja, na constituição da sociabilidade o importante era o equilíbrio nas relações sociais, na expressão das emoções, no controle de sentimentos e ainda, na divisão de poder entre os grupos e indivíduos, fossem eles homens ou mulheres. Este autor, tem uma preocupação em explicitar a regra de civilidade com a necessidade de perceber o outro, os pares sociais e, as formas como os demais receberiam certas atitudes reciprocamente, ser civilizado permitia ao indivíduo conter-se em favor do outro.

Para Della Casa, à capacidade de ser cortês estava posta na perspectiva de perceber a sociabilidade e o trato com os demais, para tanto, havia que

ser equilibrado, altruísta, controlado e autocontrolado emocionalmente, logo disciplinado no corpo e nos modos, um indivíduo capaz de dialogar - não mais ferir com a lança ou a espada. A resolução de querelas e disputas deveria enfatizar a habilidade em negociar, parlamentar com o outro, fato que aproximava cada vez mais o indivíduo de um conceito equilibrado e civilizado.

A civilidade se remetia à *polis*, a cidade, o lugar do cidadão. Para Elias esta domesticação da agressão teve lugar, juntamente com um declínio - a longo prazo- da capacidade da maioria das pessoas em sentir prazer ao infligir dor a outras pessoas e testemunhar diretamente atos violentos graves”. (DUNNING, 2009, s/p tradução minha). Tal perspectiva sendo percebida por um longo processo de contenção interna, na qual o controle das emoções circulava a partir dos espaços domésticos priorizou a educação das meninas, portanto numa sociedade interdependente no qual os grupos se relacionam e existem reciprocamente permite compreender e valorizar o lugar do feminino, das mulheres e dos seus modos de educar em um processo de longa duração histórica.

## Modelos de Civilidade para as Mulheres: a formação inicial

Na casa ou na escola, as meninas que viveram no período entre os anos de 1930-1950 meados do século XX -conforme minha pesquisa empírica- aprendiam a cozinhar, bordar, costurar, os chamados trabalhos de agulhas e, a se comportar adequadamente, de acordo com uma gama de prescrições destinadas à educação feminina. As regras regulavam e controlavam seu corpo, informando um tipo de disciplina que atendia modelos de comportamentos impostos socialmente. O tema tem sido explicitado na literatura, e em pesquisas acadêmicas com ênfase na educação feminina. Entre outros, citamos alguns em perspectiva histórica e elisiana: (Cunha 2005, 2007); (Cunha & Santos, 2017); (Rocha, 2018); (Sarat & Campos, 2014, 2017); (Campos 2018); (Xavier, 2018).

Destaco a periodicidade da qual trata minha argumentação, meados do século XX, apresentando mulheres educadas em um momento histórico que forjava determinados modelos a serem seguidos, em geral de modo prescritivo indicando o lugar feminino. Uma das minhas entrevistadas diz: “Meus pais me deram uma educação para que a gente se desse bem com todos! Trabalhar e

rezar bastante! E, graças à Deus fazer tudo para viver em paz, respeitar os mais velhos, a família”. (Maria Holosheski, 2004).

As expressões utilizadas na entrevista estão repletas de informações que demarcam este lugar qual seja a família, a igreja, os filhos à submissão aos mais velhos, ao marido, ao casamento, ao padre, mantendo um comportamento adequado, que revelasse a procedência, o caráter, a índole da mulher, ‘uma pessoa de paz’, amável e cordata com todos, aceitasse sua condição, seu lugar e ainda, soubesse caso necessário, suprimir suas próprias opiniões e desejos, ela deveria ser/estar sempre de acordo com as regras impostas no grupo do qual fazia parte. Não somente nesse relato, mas em geral as mulheres entrevistadas contavam as experiências de aprendizado no espaço doméstico, a preparação para o casamento, maternidade e a vida doméstica, como podemos perceber:

Eu tinha uns sete anos e minha irmã dois, como eu era mais velha eu ajudava a cuidar dos outros menores. Eu tinha que lavar roupa para aprender. Costurar e fazer a comida. (Angelita Marconato).

Aprendi em casa a bordar, minha irmã mais velha que me ensinou. Bordava bem bonitinho e colocava o pano na parede. Aprendi a fazer brolha – macramê. Aprendi a cozinhar e fazer pão. A mãe me ensinou quando eu estava para casar e disse: Você vai casar e vai aprender a fazer pão, na minha casa, pão nunca faltou! (Eloisa Szymczak)

Eu estudava o dia inteiro. Depois da escola ajudava a cuidar dos irmãos. Carregava no colo, dava banho, vestia roupa limpa. Os mais velhos sempre têm que ajudar. As meninas ajudavam a cuidar da casa, a cuidar dos irmãos, a fazer a comida e lavar a roupa. (Tereza Gomes).

A ênfase recaía sobre conhecimentos inscritos em lugares específicos, e fundamentais para encontrarmos as mulheres e a sua história que se desenvolveu nos espaços de preparação para: a vida no lar, o cuidado com a família, a aceitação do cotidiano, espaços nos quais ocorrem atividades que favoreçam a vida doméstica como exemplo: a preparação dos alimentos, a confecção das vestimentas, as estratégias de proteção familiar, o cuidado com as crianças. Uma narrativa que aconteceu no fundo da casa, nos quintais, nas cozinhas, nas rezas, nos ritos, nas miudezas diárias, qual seja lugar das mulheres. Em outro texto nos referimos a esses lugares à modo elisiano:

Uma sociedade predominantemente masculina e guerreira – as mulheres não foram guerreiras – vai sendo pacificada pelo processo de cortenização, quando acontece a troca da lança pela capacidade de parlamentar, substituindo o guerreiro pelo homem cortês. Tal universo é historicamente masculino pelas referências e fontes documentais, mas tem forte presença feminina nos bastidores da cena ou, como escreve Elias, no “fundo da vida social”<sup>2</sup>, nos espaços privados das relações humanas e das pequenas revoluções (SARAT & CAMPOS, 2017, p 1260).

Estes lugares narrados pelas entrevistadas, de algum modo presente na história da regulação dos costumes e do controle das emoções, serão lembrados e expressos como lugares das *pequenas revoluções*, travadas nos espaços privados compondo um arsenal de arquivos e segredos guardados sob o domínio feminino. Os seus arquivos pessoais permitiram contar a sua história e a constituição do cotidiano, não somente de cada uma, mas, das mulheres do seu tempo percebidas e representadas nos objetos e caixas cheias de cartas, diários, fotografias, cartões, livros de receita, lembrancinhas, símbolos que expressavam os rituais de nascimentos, casamentos, mortes, memórias, um inventário de relíquias trazendo à tona o passado vivido, e o desejo de perpetuar e imortalizar as lembranças e os objetos. No passado guardado e arquivado está o desejo das mulheres de que seja repassado para a posteridade, ficando como uma marca do indivíduo e do grupo, compondo a memória a ser lembrada e repassada às gerações posteriores. Algumas das minhas entrevistadas apontam tais aspectos de modo explícito:

Eu vou trazer a caixa de fotografia para a senhora ver os tempos que nós erámos criança, como nós erámos. (Angelina Marconato)

Eu tenho um travesseiro de crochê da minha avó. Ela me deu. Aquilo é de uma estima para gente! Guardo com todo carinho, uma lembrança que vou deixar pós morte, da bisavó, da tetravó. Não é pelo valor é um valor estimativo! Eu trouxe de Portugal um pedaço do lençol de linho da minha avó. Tenho linhos com mais de 100 anos porque era da minha avó! (Tereza Gomes)

Vou te mostrar meus bordados e as fotografias. Esse crucifixo eu trouxe da Áustria e quero ser enterrada com ele. Esse é o primeiro pano onde a minha mãe me

---

<sup>2</sup> Conceito trabalhado por Elias (1994), quando este aponta no curso do processo civilizatório as pessoas vão suprimindo de si características que julgam incivilizadas ou animais e retirando da vista o desagradável. No dizer do autor (Elias, 1994, p. 128, grifos do original) “o repugnante [...] é removido para o fundo da vida social”.

ensinou a bordar tem uns 60 anos, meus bordados todos feitos a mão. As mulheres faziam o enxoval! Olha o travesseiro era tudo branco bordado a mão. Era de pena de ganso. Esse é um tricô com agulha redonda. Essa é a minha primeira toalha da Áustria com um fio bem fino parece que é crochê por causa da agulha (Rosina Spiess).

Nesse inventário das miudezas está presente a história feminina e a perspicácia em desenvolver formas de aprendizagem, e, o domínio dos códigos e lugares nos quais elas circulavam, em muitos aspectos e contextos estes eram os únicos espaços de atuação e de poder destas mulheres. No entanto, as decisões e articulações para as demandas familiares e outras, poderiam por vezes, sair do privado e se expressar publicamente definindo e dando relevância social as suas ações. Embora, considerando toda a histórica submissão das mulheres em suas relações familiares, no espaço doméstico é possível dizer que elas transformaram o privado em núcleos de poder, dominando e regulando a partir da educação das crianças e dos demais, a participação e a sociabilidade do seu grupo. Em algumas situações as mulheres exerciam o poder com ‘mão de ferro’.

Nesse aspecto enfatizamos a relação conjugal/o casamento, mesmo em casos de arranjos familiares ou decisão de terceiros, o casamento representou um momento de emancipação e liberdade para as mulheres da minha pesquisa. Ainda que fossem decisões sobre o assado, as crianças, o marido, e outras pautas domésticas elas começaram a exercer sua autoridade e a definir as ações conforme desejassem. Percebi essa assertiva em uma das entrevistadas ao se referir ao seu casamento: “A educação era demais controlada! Depois que eu casei, meu marido gostava de viajar e me levava para toda parte, e eu gozei a vida. Depois do casamento eu gozei! Casei e não me arrependi, vivi 56 anos casada fiz bodas de prata e de ouro” (Angelina Marconato).

Tomando o cuidado para não generalizar o documento nos permite dizer que na perspectiva da submissão a casa familiar e as relações com os pais fazia com que ela estava sujeita a um grupo maior de pessoas composta por pai, mãe, irmãos mais velhos, tios, avós, - no seu relato fala que a família foi contra o seu casamento por questões étnicas, ela era de descendência italiana e ele ucraniana -, no caso da senhora Angelina seu relato aponta que o casamento atenuava o número de ‘donos’ do poder e, para ela o seu casamento foi libertador, e permitiu a ela circular de modo mais autônomo, tomar decisões, usar

estratégias para se impor na sua casa, na sua família e existir no seu grupo, pois segundo seu relato “minha vida começou quando eu casei, tive liberdade!”.

Continuando em busca de resquícios da emancipação feminina a partir do espaço doméstico, temos a perspectiva das meninas que puderam frequentar a escola, no entanto as instituições educativas também pautavam seus conteúdos no aprendizado para as ‘lides do lar’ e a vida privada. Estas tinham matérias sobre economia doméstica, puericultura e trabalhos de agulhas conhecidos recebidos em colégios e instituições educativas.

As meninas pobres aprendiam o trabalho na prática, se envolvendo diretamente em todas as etapas do fazer cotidiano como: cozinhar, bordar, costurar, limpar e organizar a casa, a criação dos/as filhos/as, além de noções de economia e administração dos gastos da casa. Tais conhecimentos eram essenciais no espaço doméstico de circulação feminina.

De qualquer modo o domínio do espaço doméstico, em muitas situações, permitia às mulheres ascenderem socialmente, e se inserir no espaço público. Especialmente às mulheres das classes altas no processo de constituição do homem cortês, do *gentleman* educado para a corte. Ou seja, um processo de controle e autocontrole regulado e imposto, também foi conseguido com a presença feminina no espaço público pois, “ o domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais”. (LOURO, 2004, p. 373)

A circulação das mulheres, ainda que restrita à igreja e, somente acompanhada por familiares na ‘boa sociedade’ como é chamada por Wouters, prescrevia tratamento diferenciado. Para Elias (1994) e Wouters (2009) os homens guerreiros acostumados à luta e as animosidades em seus relacionamentos utilizavam prioritariamente a espada e a lança, e se impunham socialmente a partir de instintos primários e pulsões primitivas. Porém, ao se confrontar com a circulação feminina na corte houve a necessidade de novos modos de comportamento, exigindo contenção e regulação das emoções.

Nesse processo de regulação dos modos, os manuais de civilidade foram fundamentais pois o homem medieval estava ‘fora de moda’, os guerreiros para circular nas cortes tiveram que aprender uma etiqueta específica de contenção, controle emocional e respeito ao outro, tais padrões de civilidade cor-

tesã induziam a novas sociabilidades. À medida que a presença feminina foi impondo novos modelos de cortesia, sociabilidade e trato social, uma aprendizagem interna precisou ser veiculada e ampliada a todas as pessoas. Sem estes comportamentos era impossível se estabelecer socialmente, a reputação masculina dependia de forma crucial da educação das mulheres.

A reputação de solidez moral referia-se à autodisciplina para disposição metódica, parcimônia e responsabilidade, enquanto qualidades necessárias para um controle firme nos procedimentos das transações comerciais. Por esse motivo, os meios burgueses para o controle da competição social e sexual, potencialmente perigosa, dependiam, substancialmente, do apoio de uma esposa ao seu marido. O apoio e o charme social dela poderiam fazer uma diferença crucial, conforme está implícito na opinião que “nada faz com que um homem pareça mais ridículo aos olhos do mundo do que uma esposa socialmente imprestável” (KLICKMANN, 1902, p. 25). Ao mesmo tempo, essas pressões ofereciam oportunidades específicas para as mulheres. (WOUTERS, 2006, P 552-553)

No contexto da aprendizagem civilizacional, Elias (1994) informa que as prescrições aprendidas e internalizadas são eficazes à medida que havia um processo de coerção externa, no qual o controle social estava sempre mediado e avaliado pelo outro. Percebemos ao longo do processo civilizador que para o indivíduo, maior que o desejo de transgredir a ordem, era a necessidade de se sentir aceito e incluído no grupo. Portanto, a estratégia de vigilância social recíproca foi uma excelente arma, mais eficaz que a lança ou a espada utilizada em períodos anteriores. O processo de regulação estava mediado pelos ‘olhos do outro’, dos indivíduos que circulavam e competiam entre si, na corte.

Desta maneira, compreende-se a relevância das mulheres na garantia do processo civilizacional nas cortes, especialmente em relação aos homens, pois a capacidade de perceber o outro, negociar, suprimir sentimentos, reprimir desejos e valorizar as perspectivas de outrem –mesmo discordando- vem em um processo de longa duração, treinando as mulheres e suas emoções, à medida que historicamente elas sempre foram levadas a ceder seu lugar, sua palavra e seu corpo em favor do outro. No caso das sociedades ocidentais, esse outro era o masculino representado por pais, irmãos, padres, lideranças familiares, sempre presentes entre homens e mulheres. Nesse aspecto, um exemplo da pesquisa empírica aparece quando as mulheres falam sobre o casamento:

Com o primeiro rapaz que namorei eu casei! Tinha 14 anos. Foi a única festa que eu fui na minha vida! (Angelita Marconato).

Nós nos casamos eu tinha 18 anos. Meus pais escolheram o rapaz. Naquele tempo os pais mais ou menos escolhiam, para as filhas. Tinha que ser de família boa, trabalhador! (Eloisa Szymczak)

A experiência das mulheres em suprimir sentimentos, controlar emoções e se autocontrolar vem de séculos precedentes, no senso comum poderíamos dizer que as mulheres foram treinadas a dominar a “capacidade de colocar panos quentes” e a habilidade em ‘apagar fogueiras’. Tal treino levou séculos e aprimorou a contenção, o silêncio e o comportamento comedido esperado às mulheres, especialmente no período pesquisado. As entrevistadas relatam que aceitavam as escolhas matrimoniais feitas por outras pessoas do seu convívio, embora houvesse muitas situações de transgressão à regra, no caso desta pesquisa as mulheres foram educadas a cumprir o ‘seu destino’.

Até meados do século XX, o ‘destino’ se constituía no espaço doméstico culminando no casamento e nas atividades circunscritas aos afazeres do lar. A partir destes espaços as mulheres vão se posicionando, segundo Wouters (2012), na alta burguesia se configura um processo de consolidação da etiqueta do lar, das regras à mesa, dos manuais que passam a ser lidos e consumidos, em um contexto no qual as mulheres eram leitoras e escritoras. Os manuais ditavam ‘a moda’, o comportamento, o ‘bom tom’ esperado a ‘boa sociedade’, pois com o peso social da burguesia crescente as mulheres das classes médias emergentes começavam a vislumbrar oportunidades de poder, pois:

Embora confinadas ao domínio de seus lares e da “boa sociedade”, mulheres das classes alta e média passaram, mais ou menos, a mobilizar e organizar a esfera social da boa sociedade. As operações dessa formação social tomaram espaço, em grande medida, nas salas de estar privadas das mulheres. Até certo ponto, as mulheres passaram a exercer a função de “guardiãs das portas” da boa sociedade. (Wouters, 2012, p 553)

Deste modo, os manuais cumpriam seu lugar na educação feminina provocando situações de destaque e domínio, ainda que novamente lembramos ligados às atividades consideradas menos nobres. No entanto, dessa estrutura familiar organizada dependia a sociedade burguesa do final do século XVIII e século XIX. Ensinar o comportamento a partir da casa, revelava a habilidade do

homem burguês, ter uma família modelar e confiável se constituía em moeda de valor. Um manual escrito por uma escritora mulher:

Em muitos casos, a primeira impressão que temos de uma casa depende da postura boa ou má das crianças que fazem parte dela. Deve reinar principalmente a ordem; ela é a pedra fundamental da felicidade no lar. Na ordem está fundamentada a paz e da paz nos vem a força para todo o bem (CHRIST, 1889, p.20 apud ROCHA, 2018, p 106).

Nessa perspectiva, para além da educação doméstica as crianças também necessitavam receber formação adequada, portanto torna-se presente uma educação que corroborasse todas estas concepções, portanto, meninos e meninas das classes mais abastadas ao longo do século XIX foram enviados para os colégios, quase sempre de ordem confessional e religiosa, para aprender como se tornar um cidadão civilizado, homens e mulheres em acordo com as novas exigências e modelos da época.

## Os Modelos de Civildade: as escolas para as mulheres

Tal aspecto apontado nesse momento, embora seja relevante não será aprofundado nesse momento diante das inúmeras pautas que discutem a história da educação das mulheres e suas vertentes. Mas considerando alguns aspectos da educação das minhas entrevistadas creio ser interessante apontar a escola como lugar de continuidade da educação geracional no intuito de manter a contenção do comportamento feminino.

A escola do início do século XX como espaço público considerava uma etiqueta específica permeando os currículos e a formação das meninas, estas escolas preconizavam como regra fazer com que as meninas se tornassem “boas moças, esposas e mães” dando continuidade a percepção de relegar às mulheres ao espaço privado e doméstico. Nesse tripé se firmava a educação para as meninas das elites, frequentadoras dos colégios entre os anos 1930-1950. Alguns exemplos podem ser percebidos na literatura, cito a pesquisadora Guacira Louro (2000, p 12) ao argumentar:

Parecia que cabia a nós, estudantes, carregar o peso daquela instituição. Lembremo de ouvir, sempre, a mensagem de que, vestidas com o uniforme da escola, nos “éramos a escola”! Isso implicava a obrigação de manter um comportamento “adequado”, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento.

O uniforme — saia azul pregueada e blusa branca com um laço azul-marinho — era, ao mesmo tempo, cobijado por ser distintivo da instituição e desvirtuado por pequenas transgressões.

A experiência dessa autora ao discutir a temática, nos leva a perceber esses lugares como locais destinados a adaptar às mulheres, fazendo-as manter um determinado comportamento aceitável socialmente com atividades que envolvessem características tidas como femininas, nas quais deveria prevalecer a calma, a serenidade, a submissão. Assim, fundamentando as escolhas mais apropriadas para o chamado 'sexo frágil'- designação histórica para as mulheres-, percebemos no relato das minhas entrevistadas as experiências da organização escolar e da instituição quando elas estudaram:

Eu lembro que no primário eu estudava matemática, português, história, e tinha também trabalhos manuais. A gente levava um bordado para fazer, uma costura, fazer uma bainha no lenço. Eram trabalhos manuais a escola era só de meninas tinha sala só de meninas e só de meninos. Todos na mesma escola, mas as salas eram separadas. (Tereza Gomes)

A escola era muito boa! Havia diferença entre as freiras, de quem tinha mais dinheiro e de quem não tinha, isso existia e a gente notava! Só tinha meninas, era um colégio de freira para meninas. As meninas ficavam o mês inteiro sem ir para casa. E dependendo do tipo da indisciplina perdiam a saída. (Terezinha Piuvesan).

A escola priorizava a regulação dos modos a partir de regras de comportamentos para as meninas/mulheres preparando-as para o casamento e a maternidade. As experiências escolares previstas nos currículos do período corroboram tal premissa. Instituições confessionais religiosas foram lugares para forjar modos civilizados para as moças da 'boa sociedade', esperando que elas disseminassem a etiqueta para outras classes sociais. A etiqueta se configurava como uma 'moda' entre os grupos sociais, pois ela conferia distinção tornando-se objeto de desejo a ser imitado.

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês (...). As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. (LOURO, 2004, p. 373)

A mulher formada nessas instituições escolares, além de todas as habilidades deveria ser a responsável pela sociabilidade da sua família. Ao enfatizarmos o seu lugar no processo de civilidade cortesã, apontamos a necessidade de cumprir um regulamento condizente com a referida formação, para tanto, as escolas tinham preocupação em oferecer orientações pois a formação intelectual, social, moral e religiosa era componente indispensável no currículo das jovens frequentadoras do curso normal, nas escolas católicas. “As práticas educativas garantiam às ‘moças de família’ o domínio da arte culinária, da etiqueta social, da economia doméstica, da higiene e da puericultura” (AMARO, 2018, p. 128).

Segundo Maria Tereza Santos Cunha (2005), a partir de 1930 e 1960, os manuais de civilidade e etiqueta começaram a fazer parte das bibliotecas dos cursos da Escola Normal, como material didático e pedagógico nos currículos de formação das futuras professoras, e as aulas de civilidade eram necessárias pois urgia,

Incutir formas civilizadas de conduta pessoal e moral e desfilar suas próprias marcas de etiqueta social eram aspectos desenvolvidos como um saber escolar, e como tal, estavam preocupados em definir regras de controle e a contenção de sentimentos e sensações e ao mesmo tempo investir na formação das sensibilidades recatadas e civilizadas consideradas indispensáveis como signos de refinamento (CUNHA, 2005, p. 123)

Os signos de refinamento a partir de uma etiqueta social de padrões específicos permitiriam a distinção do grupo, assim a contenção dos modos aprendidos junto com demais conteúdos garantiria a formação geracional de outras crianças, à medida que estas professoras lecionariam para a infância, também se preparariam para serem donas de casa. Os conteúdos preconizavam a gestão dos espaços privados, especialmente no que se refere a economia doméstica que significava: “administrar uma casa de modo a se obter o máximo de aproveitamento dos bens adquiridos com o mínimo de gastos” (AMARO, 2018, p 129). Das mulheres dependia o sucesso da casa e a família, a partir de uma gama de atribuições a serem administradas por ela. Nos documentos arrolados na pesquisa de Eliana Maria Amaro (2018), podemos perceber que:

O conhecimento da economia doméstica é imprescindível as donas de casa. Sem ela a mulher não poderá cumprir seus deveres de mães de família e causará

grandes males a si próprias e aos seus e a sociedade. O trabalho da dona de casa representa um valor real; porém para seu ambiente é mister que seja orientado e obedeça a uma técnica estabelecida sobre bases científicas, isto é, de acordo com princípios da economia doméstica. 'A uma grande significação no valor em dinheiro, do trabalho da dona de casa. O trabalho não remunerado da mulher, na tarefa rotineira de dona de casa, nas famílias de rendimento pequenos moderados não resolvem em dinheiro tanto quanto a importância com que contribui para a manutenção da família; o trabalho do marido em ocupação externa' (...) A economia doméstica exige da dona de casa, o espírito de providência, de ordem, de método, de perseverança, "Saber para prever e prever para provar" (Transcrição do Caderno economia Doméstica (s/p) apud AMARO, 2018, p.131)

Esse fragmento no documento intitulado "A dona de casa" apresenta uma cena concreta do que se esperava das mulheres em meados do século XX, as 'guardiãs' do bom andamento do lar e da família. Fundamentando uma relação geracional, a ser passada de um grupo para outro desde a infância, interessante perceber que as prescrições colocam a mulher em um lugar central de responsabilidade com o trabalho doméstico e remetia a pessoa o dever com a maternidade e a sociedade. Uma mulher deveria mãe, dona de casa e aquela que não cumprisse seu dever 'sagrado' poderia "causar grandes males a si próprias e aos seus e a sociedade". Sobre tais conteúdos curriculares temos os relatos:

Na escola tinha aula de tricô. Tinha 2 horas por semana para as meninas. Minha escola tinha meninos e meninas. As aulas de artesanato era um professor e uma professora. Os meninos aprendiam lavoura, horta, marcenaria. Minha mãe e minha avó bordavam. Eu aprendi a cozinhar com minha mãe e minha sogra depois do casamento. Mas eu cozinhava desde os 8 anos. (Rosina Spiess)

Eu estudei em colégio de freiras! Tudo que eu sei aprendi lá! Disciplina e estudo em três períodos. Tinha aula de piano, religião. Ficávamos o mês inteiro sem ir para casa. Todo domingo ia a missa. De vez em quando as freiras levavam a gente no cinema ou passeios pela cidade. Só saíamos de uniforme, todo mundo igual. Fiz Escola Normal era saia pregueada azul marinho e blusa branca. (Terezinha Piuvesan)

Estas escolas eram as guardiãs do bom comportamento e da continuidade geracional, pois davam um direcionamento a etiqueta e a sociabilidade esperada para as moças. No entanto, a partir da segunda guerra e com as mudanças sociais especialmente nos anos de 1960, a relação das mulheres com sua educação começou a mudar, a perspectiva de transgredir normas e flexibi-

lizar os padrões passou a ser muito maior. As mulheres adentram no mercado de trabalho e na formação profissional de modo mais profundo, tais mudanças imprimem novos padrões comportamentais indo além da aprendizagem e dos serviços privados e domésticos.

Nesse processo de transformação social, a relação e o equilíbrio do poder nas disputas entre homens e mulheres vão na direção do que Wouters (2012) chama de informalização<sup>3</sup> dos comportamentos, que a grosso modo ocorre, “na medida em que a maioria dos códigos sociais vem se tornando mais flexíveis e diferenciados, os comportamentos, as maneiras e a regulação das emoções têm se configurado como critérios decisivos de status e reputação” (2012, p 561). Deste modo os espaços de invenção de novas sociabilidades, que durante muito tempo se configuraram como lugar de negociações e circulação de poder começam a mudar, nos permitindo questionar a premissa de que o equilíbrio e o poder das mulheres estavam pautados na gestão do espaço doméstico e familiar.

Outro aspecto indicativo de mudança foi a percepção das mulheres de que toda a sua educação feminina, ao longo de um processo de aprendizagem das sociabilidades impunha uma regulação de suas condutas, e o controle da sua sexualidade. Quando uma de minhas entrevistadas diz “casei com alguém que os pais escolheram” (Heloisa Szak), ou uma outra diz: “Casei em julho e o meu filho nasceu em agosto. Um ano depois do casamento, não que eu quisesse ter filhos logo! ” (Rita Acardi), considerando tais fragmentos nos perguntamos qual o controle que estas mulheres poderiam ter sobre sua sexualidade, seus desejos, seu corpo no contexto vivido à época. No entanto, mais tarde na geração seguinte de suas filhas tais padrões foram flexibilizados décadas depois.

Portanto, a vista disso podemos discutir os equilíbrios de poder em um fragmento de Wouters, citando Elias, (2014, p 45) ele diz: “(...) toda as relações são de relações de poder e interdependência, sempre envolvidas em re-

---

<sup>3</sup> A informalização é uma tendência para alargar o leque de alternativas comportamentais e emocionais socialmente aceitos, uma mudança das regras fixas para diretrizes flexíveis de acordo com os vários tipos de situação e de relação. Este leque mais amplo de opções socialmente aceitos estava em consonância com controles cada vez mais cuidadosos em relação às escolhas feitas, provocando não só uma maior flexibilidade e reflexividade, mas também uma emancipação das emoções, que incluiu uma emancipação da sexualidade e um processo de sexualização. (Wouters 2014, p 47-48).

des ou teias de interdependência”. Nessas redes estiveram presente a família, a escola, demais instituições que de modo interdependente, ditava as regras sobre os indivíduos e seus processos de sociabilidade.

Obviamente, homens e mulheres vivem em redes de interdependência distintas, dentro das mesmas figurações das quais fazem parte. No entanto, nessas teias de interdependência os indivíduos disputam algum tipo de poder perceptível à medida que conferem mais espaços para uns e menos para o outros. Embora, historicamente as mulheres vivenciaram inúmeros lugares de opressão sob domínio masculino, -sob seus corpos, seus desejos e sua sexualidade-, mas ao tomar como ponto de partida a constituição da sociabilidade cortesã, podemos afirmar inspirados nas teorias eliasianas que tal processo favoreceu a ampliação dos domínios femininos, ainda que fosse a partir dos espaços privados. Tal processo permitiu verificar as mudanças na balança de poder em favor das mulheres crescendo e ampliando em perspectiva processual e relacional à medida que possibilitou uma margem de atuação mais forte nas relações estabelecidas na sociedade de tradição guerreira, majoritariamente masculina.

Cas Wouters citando as aulas e escritos de Elias aponta que “Todos os equilíbrios de controle implicados em uma tríade de controles são em larga escala equilíbrios de poder e interdependências”. Assim, grupos e relações sociais são profundamente marcadas pelos modos como transitamos e garantimos os espaços de atuação. Para estes autores a referida tríade ao qual se reportam está calcada em três dimensões das relações humanas “o poder e a dependência dos seres humanos sobre a natureza não humana, sobre os outros e suas sociedades e sobre si próprios” (ELIAS, apud Wouters, 2014, p. 45).

A vista isso, não estamos livres dos modelos de organização social que constituem os grupos dos quais fazemos parte, portanto, não podemos escapar do que Elias chama desta tríade de controles agindo sobre cada um de nós individual e coletivamente. Somos dependentes e interdependentes, nas relações estabelecidas com a natureza, no sentido da necessidade de dominá-la desde os primórdios para sobreviver. Estamos e somos interdependentes uns dos outros no aprendizado social da existência que garante inserção no grupo, logo na mesma medida, conosco mesmos ao desenvolvermos uma consciência e um aprendizado sobre os poderes que nos controlam e a necessidade de autocontrole individual. Assim, tal discussão sobre os lugares e modos como as

mulheres se envolvem e transitam nessa tríade será uma reflexão em construção que não cabe aqui no momento.

## Considerações (in)conclusivas

A história das mulheres nos mostra as inúmeras estratégias de subversão à ordem, que sempre estiveram presentes na trajetória feminina. Pois a transgressão, o questionamento, a rebeldia, são parte da constituição do indivíduo, características primárias da natureza humana que vai sendo á modo elisiano pacificada, domesticada em um longo processo educativo e formativo. Na perspectiva de domínio, controle e autocontrole, destaco a luta das mulheres ao longo dos séculos para vencer todos os tipos de regulação de seu comportamento em diferentes instâncias de atuação. Impulsos e pulsões primitivas à medida que foram se transformando, passaram a ser internalizadas constituindo a segunda natureza, caracterizando uma sociabilidade contida e civilizada, conceitos da teoria processual ao qual Elias se debruçou toda a vida.

Nesse contexto, a história das mulheres apontou inúmeros exemplos de resistência aos modelos estabelecidos, - mesmo no período da pesquisa empírica meados do século XX, - e pequenas atitudes revelavam a transgressão nas miudezas do cotidiano como tentativa de se impor socialmente. Mesmo rebeldias infantis pretendiam questionar o “stableshment” e sempre seduziu homens e mulheres. No fragmento da bibliografia sobre a temática temos um exemplo da educação das meninas nos colégios religiosos lembrada entre outras coisas pela subversão e pela resistência ao modelo imposto:

A saia, mantida num comprimento “decente” no interior da escola, era suspensa ao sair dali, enrolada na cintura de forma a conseguir um estilo “mini”, mais condizente com a moda; o laço descia (do botão mais alto da blusa rente à gola onde deveria estar) alguns centímetros, de forma a proporcionar um decote mais atraente (o número de botões dependia da ousadia de cada uma). Essas subversões, quando descobertas por alguma funcionária ou professora da escola, em qualquer lugar da cidade, eram alvo de repreensões individuais ou coletivas, particulares ou comunicadas aos pais e mães etc. O olhar panóptico ia muito além das fronteiras do prédio escolar! (LOURO, 2000, p 12)

Embora esse comportamento expresse algo aparentemente sem importância, também permite localizar os modos esperados pelas meninas na formação para tornarem-se as futuras professoras, em uma sociedade que espera

delas um determinado comportamento. Portanto, questionar as regras esteve sempre presente, nesse contexto, mesmo que estejamos falando de um tempo passado, podemos finalizar apontando as ressonâncias de tal educação no presente, e nos modelos imposto às gerações futuras, especialmente, nos lugares ocupados pelas mulheres em diferentes setores sociais.

Percebemos que os ecos do conservadorismo pautado na formação da mulher para ser mãe, esposa e submissa tem ecoado e reverberado, ainda no século XXI, quando escrevemos este texto. As estatísticas nos mostram que as mulheres ainda, sofrem com altos índices de violência, em todos os níveis, assédio moral, sexual, social, violência de gênero, falta de oportunidades no mercado de trabalho, na política, na cultura e nos cargos de liderança em geral. Dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho) em seu relatório mais recente de 2018 afirma que “as demandas enormemente desiguais que mulheres enfrentam em relação a cuidado e responsabilidades de casa continuam a se manifestar como desigualdades no mercado de trabalho”<sup>4</sup>.

Ou seja, a educação doméstica prevalece assombrando os lugares privados do imaginário social, como se o ‘domínio doméstico’ fosse a atribuição, responsabilidade feminina e único espaço creditado às mulheres. Ainda lutamos para existir socialmente, mesmo reconhecendo todos os avanços observados desde o período no qual, as histórias das minhas entrevistadas se desenvolveram. Reconhecemos que estas mulheres fizeram a história e seguem construindo a história da educação com seus fragmentos de memória, a elas dedico esse pequeno esforço intelectual aqui registrado, ao qual pretendo dar continuidade pois é um tema que me é caro. De algum modo foi para Elias à medida que, segundo seus escritos durante toda a sua vida dedicou-se a compreender os fenômenos sociais que envolvem os seres humanos, nesse caso específico as mulheres.

---

**Resumo:** A infância pode ser considerada uma categoria histórica construída cultural e socialmente, e precisa ser compreendida a partir de variáveis como gênero, classe social, etnia, entre outras. Assim, o período vivido por crianças em todo e qualquer ambiente, é marcado pela diversidade e pluralidade das experiências vividas por elas nos grupos sociais dos quais fazem parte. Dito isto, o presente artigo trata da infância e da educação marcadas pela variável de gênero, com foco na infância de meninas e na educação recebida por mulheres, vivendo em diferentes contextos. Neste aspecto, crianças/meninas tiveram como elemento de permanência, na sua educação e na infância, modelos femininos de comportamentos sociais atribuídos às mulheres. À luz das referên-

---

<sup>4</sup> Jornal online Nexoh <https://www.nexojournal.com.br>. Acesso em abril de 2018. Mais informações: [http://embargo.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_619550/lang--es/index.htm](http://embargo.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_619550/lang--es/index.htm).

cias teóricas de Norbert Elias, trabalhamos com fragmentos de vozes recolhidas a partir da história oral, compondo uma documentação com mulheres que, ao rememorarem sua infância, contaram sobre esses modelos femininos na sua formação, apontando como se constituíram e se formaram à vista de padrões, normas e modos de comportamento de uma educação feminina direcionada por práticas e modelos “civilizadores” para as meninas.

**Palavras-chave:** Infância. Educação feminina. Civilidade. Norbert Elias.

**Abstract:** Childhood can be considered a historic category built both culturally and socially and it has to be understood from variables such as gender, social class, ethnicity, etc. Thus, the period lived by children in all kinds of environment is marked by the plural and diverse experiences that they go through inserted in the social groups they belong to. That being said, this paper deals with childhood and education marked by gender issues, focusing on girls' childhood and on the education they received living in different contexts. In this aspect, girls had, as a permanent element, feminine models of social behavior usually assigned to women. Using Norbert Elias' theoretical framework, we worked with fragments of voices collected from oral stories, compounding a documentation with women who, by remembering their childhood, narrated the feminine models in their education, pointing out the way they grew up and constitute themselves in view of patterns, rules and ways of behavior founded in a feminine education guided by “civilizing” practices and models specific for girls.

**Keywords:** Childhood- Feminine education – Civility – Norbert Elias

## Referências

AMARO, Eliane Maria. *Escola franciscana Imaculada Conceição*: história da instituição educativa na região de Dourados, Sul de Mato Grosso (1955-1975). 236f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2018.

CAMPOS, Miria Isabel. *Tempos de escritas*: memórias de infância, docência e gênero. 172f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2018.

CUNHA, Maria Tereza Santos. História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 e 1960. *Educação*, Santa Maria/RS, v. 30, n. 2, p. 121-138, 2005.

CUNHA, Maria Tereza Santos & SANTOS, Márcia Regina dos. Preceitos para bem viver: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta na década de 1950. *Revista Comunicações Piracicaba*, v. 24 n. 3 p. 191-211. Setembro-dezembro 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v24n3p191-211>

CUNHA, Maria Tereza Santos. *Do baú ao arquivo*: escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

DELLA CASA, Giovanni. *Galateo ou dos costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUNNING, Eric. Elias and modern society: habitus, figurations, power and process. *Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*, Recife/PE/Brasil, 2009. Acesso:[http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/conferencias/CONF\\_Dunning.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/conferencias/CONF_Dunning.pdf)

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução de. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. El Cambiante Equilibrio de Poder entre los Sexos. In: WEILLER, Vera (Org.). *La Civilización de los Padres y outro Ensayos*. Colombia: Editorial Norma 1998a. P. 199-249.

- ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaios 1: Estado, Processo, opinião pública*. Organização e apresentação Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Tradução textos em inglês Sérgio Benevides; textos em alemão Antônio Carlos dos Santos; textos em holandês João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert. *Norbert Elias por ele mesmo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: formação do estado e civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Form. Doc. Belo Horizonte*, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan/jul. 2011a.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 370-402.
- LOURO, Guacira Lopes (organizadora) *O Corpo Educado - Pedagogias da sexualidade*. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000.
- ROCHA, Rita Luiz da. *Manuais de civildade e educação: "A Conduta da juventude feminina"* de Sophie Christ. Tese de Doutorado. 2018.
- ROTERDÃ, Erasmo. De pueris (Dos Meninos). *A Civilidade Pueril*. Tradução Luiz Feracine, São Paulo: Ed. Escala. [S/D]
- SARAT, Magda. *Histórias de Estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação*. Piracicaba, 2004. 306 f. Tese (doutorado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2004.
- SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel Campos. Memórias da Infância e da Educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1257-1277. out./dez. 2017.
- SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. *Revista tempos e espaços em educação*. Volume 7, Número 12 | janeiro/abril 2014. Disponível <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951>.
- WOUTERS, Cas. Critérios Universalmente Aplicáveis ao Fazer Sociologia dos Processos: sete equilíbrios e uma tríade. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda (Org.). *Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras*. Maringá: Eduem, 2014. p. 35-54.
- WOUTERS, Cas. Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237. out./dez. 2017.
- WOUTERS, Cas. Tecnologia e o Equilíbrio da Sensualidade no Amor e no Sexo. *Revista Gestão Industrial*. Ponta Grossa, v. 02, n. 03: p. 174-183, 2006.
- WOUTERS, Cas. Mudanças nos regimes de costumes e emoções: da disciplinarização à informalização. In: GEBARA, Ademir. & WOUTERS, Cas. (orgs.) *O controle das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. Pg. 91-118.
- WOUTERS, Cas. Como continuaram os Processos Civilizadores: rumo a uma informalização dos comportamentos e uma personalidade de terceira natureza. *Revista Sociedade e Estado*. Dossiê Norbert Elias, Brasília, v.27, n.3. set/dez, 546-570, 2012.
- XAVIER, Nubea Rodrigues. *Cecília Meireles: as meninas e sua educação (1901-1940)*. 2018. 181f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2018.

Recebido em 15 de Setembro de 2018

Avaliado em 30 de Outubro de 2018